

Assign. por MEZ 1.000 RS.



PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

grandes armas no
que ruidoso, brulha
monte.



A scena escandalosa que se deu, ha dias, no corredor da Policia. Ao passarmos por alli, sentimo um gran
de ruido e, entrando a correr, deparamos com o escravocrata E. Brocardo a maltratar vilmente, e por
esta forma, um escravo seu. Semelhante facto, é mais que revoltante em uma epocha de abolicionismo.

Expediente

O MOLEQUE publica-se quatro vezes por mez

Assignatura

Por mez.....1\$000.—Pórté franco.

Pagamento adiantado

Os autographos que nos fôrem remettidos sejam ou não publicados, não serão restituidos.

Publicações—o que se convencionar

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Redacção do Moleque, à Rua da Constituição n.72—SANTA CATHARINA.

Desterro, 26 de ~~Março~~ de 1885.

Abril

PERFIS Á VAPOR

Francisco Barbosa

Eu já vi uns olhos que tinham dentro uma caixinha de musica—olhos que se identificavam com a gente, que pareciam dous brilhantes a reluzir no fundo da tréva escura e compacta.

Mas erão olhos que viviam na sombra, quasi no angulo do Nada; olhos que não viviam nos resplendores claros e espontaneos das grandes cousas luminosas.

Assim como esses olhos, assim, perfeitamente assim, eu conheço uma caixa de musica que anda, que falla, que gesticula e que tem a petulancia selvagem de ser artista...mas de viver, como esses olhos, na sombra, sempre na sombra—quasi do outro lado da tréva.

E' uma caixa de musica, em organismo humano.

Um composto de nervos e de musculos, que teve a singularidade patusca de se chamar—Francisco.

E' um Francisco que não é Francisco e que não possui a inutilidade baixa das duas ultimas syllabas desse nome.

Um Francisco de talento musical que rutila e corusca como um relampago, através de uma lamina de metal ou de um templo de madre-perola.

Uma caixa de musica consequentemente, que anda, que falla, que gesticula, na sombra, na sombra, na sombra!

Zat

Cruz e Souza

Acha-se entre nós, depois de uma longa excursão por todo o Brazil, o valente e rutilante poeta realista Cruz e Souza.

O festejadissimo autor das *Cambiantes*, vem passar dous ou tres mezes com sua familia, de quem já estava extraordinariamente saudoso, e tenciona voltar muito brevemente para a Côrte, onde tomará, segundo consta, a direcção de uma folha diaria que proxivamente deve apparecer alli.

Cruz e Souza é um burilador correctissimo do verso e um dos talentos mais fecundos e mais cheios de sol da moderna e resplendente geração litteraria brasileira.

Para se avaliar a sua grande força cerebral, é bastante dizer que elle gosa de uma elevada e extensa reputação de poeta de 1^o ordem, entre os vultos mais eminentes da nossa litteratura, como sejam—Aluisio de Azevedo, Valentim Magalhães, Urbano Duarte, José do Patrocinio, Silvestre de Lima, Raymundo Corrêa, Raul Pompeia, e tantos outros que não nos é possível recordar agora na rapidez d'uma noticia.

Terminando, cumprimentamos intimamente satisfeitos ao illustre poeta que é uma grande honra para a nossa provincia.

Gustavo d'Albany

Paranaguãdas

Que importa que tu falles
Que importa que tu filles
Que importa que não cales,
Que importa que tu falles
Que importa que te ralles,
Que importa-me essa bilis.
Que importa que tu falles
Que importa que tu filles.

vãZat

LITTERATURA

O RETRATO DA NOIVA

Estavam no jardim. O dia formosissimo de maio deslisava com a suavidade maviosa das musicas de Mozart; e o sol radiante e vivificador espargia os raios acareciadores por entre as sombras negras das arvores odoríferas das alamedas. Canteiros—onde se pavoneavam vaidosas de freseura e de luz, as grandes rozas-chá, de uma côr de carne aveludada, as peo-

nias da folha recortada, os cravos côr de fogo enleitados nas hastes finas e voluptuosas das campainhas—expandiam, no ar, aromas inebriantes.

Ao fundo, como immensa rede suspensa, delineavam-se sobre o muro, as folhas das trepadeiras de um amarello pallido recortado de toques de verde carregado. O pavilhão, coberto de enleios em flor e impregnado do aroma das baunilhas, deixava entrar aqui e ali, alguns raios indiscretos, cujos traços luminosos, cortando o escuro daquelle recinto, faziam pairar na sua zona, legiões de atomos de uma poeira dourada.

Casados de ha pouco, os dois encantadores desposados, passeiavam, de braço dado, pelas alamedas solitarias trocando olhares sublimes em que se traduziam poemas de beijos e de chimeras.

—E vaes partir!—dizia ella—e só de aqui a um anno nos veremos!... Olha, Pedro, ha um prèssentimento que me traz triste: Se não voltarmos... va dos teus olhos... companhia, a... into inebriante, o teu olhar... Eu morria de certo.

—Mas hei de voltar, descansa... não sejas desanimada, minha Luiza.

E o joven official de marinha deposita um beijo na sua noiva gentil.

Ella poz-se a pensar.

—Olha—disse-lhe—o casamento é uma viagem cujo ponto de chegada é a felicidade. Quem sabe se lá chegaremos?

—Chega-se sempre, meu anjo, ponto é que tenhamos um venturoso baixel que nos conduza.

—E esse baixel...?—disse ella timidamente.

—E' o teu amor.

—Tudo isso é poesia, Pedro, que faz com que vejamos a realidade mais negra ainda. Tu tens o mar com seus naufragios...

—Olha, Luiza; ha um mar inda peor—a sociedade.— Nos naufragios da terra, poucos são os que se salvam. A intriga, a calumnia tem mais força certamente do que as columnas aquosas que nos arrojam ás penedias occultas. Lá: um navio que se despedaça, um naufrago que perece; mas o oceano só nos tira a vida, enquanto que nos tempestades da terra perde-se até a honra... Não, não: decididamente, o mar é uma grande cousa. Demais nós temos um guia fiel:—a bussola.

(Continua).

Emilio Zola

(NOTAS DE UM AMIGO)

Traducção de A. C.

I

Sua origem

(Continuação)

D'Allemanha, elle passa para Hollanda, e mais tarde para Inglaterra. Depois de 1830, eil-o em França, ou antes, não, não ainda em França, mas em Algeria, onde, militar outra vez, serve como capitão na legião estrangeira.

Emfim, depois da baixa d'essa legião, elle deixa Algeria e vai desembarcar em Marselha. Nesta cidade, o Venesiano, que não havia podido acclimatar-se entre as brumas da Hollanda, nera no nevoeiro perpetuo de Londres, mostrou-se logo satisfeito.

A Cannebière com seus cafés, e seus passantes de todas as nações, as avenidas de Meilhan sombreadas de platanos, a rua Saint Ferreol com a elegancia parisiense de seus grandes armazens devião seduzil-o. Tudo isto ruidoso, brilhante de cores vivas, presenteir a alegria meridional das cidades, onde se passa a vida entre canções; e não era até o provençal, cujas syllabas cantantes não lhe recordavão o falar materno. Elle julgou-se, sem duvida, tornado á sua patria, mas em uma patria mais viva, não entorpecida, como a outra, sob o jugo estrangeiro, em uma atmosphera de commercio, de industria, de grandes negocios, em que sua actividade, até ahi errante e inquieta, ia emfim, buscar exercitar-se. Elle abriu então em Marselha um gabinete de engenheiro civil.

Francisco Zolá tinha então perto de 40 annos, o tempo da maturidade, o tempo em que se sabe bem o que se quer, e se começa a ver claramente na vida.

Decidido a não deixar mais esta segunda patria da Provença, elle cuida, trabalhando a principio para os simples particulares, de entregar-se de todo a algum vasto projecto de interesse publico, que devia tornar seu nome popular e devia prendel-o para sempre em seu paiz.

Esses espiritos, alem disso, são assim atormentados pela necessidade de se fazerem grandes. Que podia elle emprehender de grande em Marselha? Marselha não vive a ponto para o mar, senão para seu commercio maritimo. E o Vieux-Port, muito seguro, eorem estreito, sempre cheio de navios, era reconhecido bastante insuficiente.

Todo o commercio de Marselha reclamava asperamente um outro. Depois de uma minuciosa inspecção dos logares, depois de maduras reflexões, elle preparou o projecto de um novo porto, que elle collocou para os Catalães, no fundo de uma bahia naturalmente muito abrigada, com canaes de sahida para os tempos do mistral.

O mistral, esse terrivel vento do noroeste, tão glacial, de rajadas, tão violento, é o flagello da Provença.

(Continúa)

POESIA

HOJE Á TARDE

AO MEU AMIGO MANOEL GUIMARÃES

C....

Como eu sentia, hoje á tarde, ó bella a anciedade de meu peito triste, triste, bem triste, da fatal tristeza a que a minh'alma nem siquer resiste.

Triste, bem triste, n'uma sombra envólto triste, bem triste por talvez não ver-te, mas entretanto presenteiro e alegre por sempre, e sempre te adorar, querer-te, sentir a luz dos teus olhos bellos, n'elles ercripto meu porvir, querida e atravessar da mocidade os prados, cheio das doces sensações da vida!

23 de Abril de 1885.

De luva de pellica...

Calçamos hoje cuidadosamente a nossa luva de pellica, para apertar a mão e amplexar o nosso caro amigo Chrysanto Eloy de Medeiros que a 23 do corrente deu mais um passo para a vida de amanha com o seu vigesimo terceiro anniversario natalicio.

Que a cornucopia dos bens e das bema-venturanças felizes se derrame espontaneamente por sua cabeça e pelas adoraveis creaturinhas candidas e boas, os seus innocentes filhos, que são como que as eternas primaveras da familia.

Apertamos tambem na curva de um abraço sincero, o criterioso advogado Manoel José de Oliveira, pelos seus 61 annos feitos na paz tranquillizadora do lar, por entre as gargalhadas sonoras d'umas filhinhãs esplendidas.

Não sabem porque o Moleque, radiando todo, aperta amistosamente a mão do adoravel Capistrano werneck, com a maior abundancia de estima e de coração?

E' porque abriu-se na existencia placiada de sua filhinha, uma scintilla de amor, è porque aquella miniatura de astro, completou mais alguns annos puros e castos e que se expandem para a felicidade de seus paes, como se expandem as rosas e as madresilvas pelos luares ineffaveis e claros.

Toda a nossa inteira satisfação porisso-

Eu

Através do occorrido

Dia 20—Teve logar, no *Santa Izabel*, o spectaculo da S. D. *Alvaro de Carvalho* em beneficio do ajardinamento da Praça.

A representação correu satisfactoriamente e com ruido de applausos.

**

Dia 21—Deu-se no corredor da Policia uma scena indigna: o sr. E. Brocardo maltrata brutalmente um escravo pelo simples facto de ter este fugido.

Tal escandalo, n'uma epocha inteiramente abolicionista, deixa o caracter do cidadão que o praticou, um pouco abaixo do nivel moral e um tanto por cima das cousas que precisam ser desinfectadas com acido fenico.

E só, para o senso.

**

Dia 22—Chegou da cõrte o nosso adorabilissimo amigo João Saldanha e a distincta familia Régis.

Cumprimentamos.

**

Na *Escola Normal*, em virtude do modo porque o sr. Paranaguá apõia a disciplina, como aconteceu com a questã das orelhas,—cousa que s.ex. tem bem grandes—continua a insubordinação dos alumnos de uma maneira revoltante e insupportavel.

Essas creanças mal educadas, vendo-se protegidas por s.ex. e livres de qualquer admoestação da parte do director ou do secretario d'esse estabelecimento, jogam pedradas as vidraças, atacam e escangalham tudo.

Aqui está a razão porque a *Escola Normal* cada vez se desmoralisa mais.

Ora, sr. Paranaguá, largue essa cadeira e vá sineirar... p'r'o diabo!

**

Tem se dado, ultimamente, no *Quartel da Companhia de guarnição*, certos abusos devidos a um alferes muito nosso conhecido.

E' bom que esse moço saiba que isso j-nos chegou aos ouvidos!

Coriolano d' Auvergne



Os bicos da nossa cidade continuam inundados de lixo, assim como



o Lustrôga continua sineiro e firme na cadeira presidencial.



E o fiscal em vez de se ocupar do lixo leva a dar cabo d'estes pobres e fiéis animaes



Emquanto o sr. Lobo olha para essa scena sabido e com vontade bem patente de... se os cães fossem lhas... devoral-os todos



Um Franço



som.

Gritamos tanto contra tudo isso e no entanto as cousas estão na mesma

Eis a razão porque a nossa provincia não sabe do abatimento em que se acha.